

Navegando moralmente com segurança em territórios multiculturais: um Sistema de Posicionamento Global (GPS) para a ética*

Hans-Martin Sass

RESUMO

Comunicação, Cooperação, Competência, Compaixão, Cultivação — integradas e interagindo entre si — são apresentadas como cinco capacidades universais do ser humano em atividades moral e culturalmente bem-sucedidas. Esses 5 Cs, tidos como capacidades humanas universais *a priori*, têm forjado muitos indivíduos e povos por milênios, independentemente de sua cultura ou religião específica. É um *guia* para planejar, treinar, rever e executar práticas pessoais e profissionais na esfera comercial, na política, na saúde, na cultura e em muitos outros campos de liderança e trabalho. Há anos esses 5 Cs são fortemente amparados por várias religiões e visões de mundo que levam ao desenvolvimento de princípios, regras, regulamentos e leis em diferentes culturas, sociedades e tradições. Mas eles não se baseiam em nenhuma visão de mundo específica e não requerem, necessariamente, uma visão particular de mundo e uma multiplicidade de regras e princípios detalhados; eles são universalmente relevantes no suporte à criatividade, à diversidade, à responsabilidade, à tolerância e à competição. O Guia 5Cs é apresentado como teoria geral, um programa gratuito para obter sucesso no planejamento, no treinamento, na revisão e na execução de ações. Deliberadamente, ele deixa aberto o desenvolvimento de aplicações específicas a eticistas e outros desenvolvedores, treinadores e líderes em campos e situações específicos de prática razoável e bem-sucedida da moral e da cultura.

* Tradução do capítulo por Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves e Luiz Fernando Spósito.

Navegando nossos caminhos com segurança e com moral

Todos estamos no caminho — em nossos próprios caminhos, em caminhos com os outros —, com a família, com os vizinhos, com os companheiros, com os colegas, com os amigos, com os inimigos, os competidores, pessoas prestativas, pessoas inúteis, pessoas brutas e cruéis, com plantas, inofensivas e perigosas; e animais, pequenos e grandes —, em estradas calmas, em viagens perigosas ou difíceis, em território desconhecido — sozinhos e acompanhados. Nossa vida é uma jornada do útero para além da morte, envolvida nos caminhos de outros, perto e longe. Gabriel Marcel, filósofo francês, definiu o homem como *homo viator*, homem itinerante, como definição melhor do que *homo sapiens* ou *homo politicus*. Para irmos daqui para lá, precisamos de conselhos a respeito de território, direção, riscos, perigos em potencial e como melhorar a nossa caminhada para ir sempre em frente. Além disso, precisamos de muitos tipos diferentes de mapas, e não menos melhorar nossos conhecimentos de caminhada e ajuda de outros. O movimento nos faz ir para a frente, assim como os amigos, os companheiros e colegas, estes sendo confiantes em nós mesmos e dignos de confiança para os outros. Tudo isso ajuda a atingirmos nossas metas pessoais e profissionais, sejam elas definidas por cada um de nós, ou social, cultural e politicamente definidas pelos outros.

Um pequeno número de princípios foi mencionado como instrumental na ética médica e na bioética. Um modelo proeminente foi apresentado por Tom L. Beauchamp e Jim Childress (*Principles of Biomedical Ethics*, 6. ed., 2006); eles promovem *autonomia, não maleficência, beneficência, justiça* como princípios primeiros, devido ao seu amplo uso, chamados *Mantra de Georgetown*. Do ponto de vista asiático, Michael Tai (*Way of Asian Bioethics*, 2008) sugere *compaixão, respeito, honradez, responsabilidade, ahimsa*. E um grupo europeu (Rendtorff et al., in *Med Healthcare Philos* 2002, 5(3): 235-244) recomenda *autonomia, dignidade, integridade, vulnerabilidade*. Para a bioética pública, Miguel Kottow sugere *participação social, deliberação democrática, ética protecionista para cidadãos capacitados, pragmatismo estruturado* como quatro pilares (revista *Bioética* 2011, 19(1): 61-76). Para a ética na saúde pública, propus uma vez *segurança, educação, minimax, parceria, eficiência, revisão* (*Bundesgesundheitsbl* 2008, 51: 164-74). Dei o nome de *Semper Set for protecting and supporting individual, communal and environmental health* (Programa permanente para proteger e auxiliar a saúde pública, ambiental e pessoal); a palavra latina *semper* significa “permanente”, “sempre”, “para sempre”.

Sugeriu-se que sociedades fechadas têm grandes poderes para formar e reforçar virtudes, enquanto sociedades abertas e multiculturais trabalham melhor com regras e princípios. Todas as comunidades, logicamente, precisam de regras como as de trânsito, e regulamentações de segurança para os veículos; mas precisam, também, de *civilidade* para formar e viver em uma sociedade civil, independentemente de ideais

herdados e convicções de seus cidadãos. Civilidade, aliás, pode ser colocada como um C adicional das virtudes e capacidades universais de um indivíduo em todas as sociedades pacíficas, bem-sucedidas e culturalmente felizes.

Um sistema de posicionamento básico simples para orientação moral e cultural, tal como a Estrela Polar na orientação territorial, é a regra de ouro: *trate o seu vizinho como a si mesmo*, encontrada em muitas religiões, em védico *tat tvam asi* — o outro é você mesmo. Sugerir alhures que em qualquer ação bem-sucedida de profissionais, leigos, e associações, o *saber técnico e a ética* têm de ser integrados e integrativos. Há outros caminhos paralelos ou sinuosos na bioética; eles existiram no passado e existirão em multiplicidade no futuro. Um sistema de posicionamento universal mais abrangente para posicionamento global, ação e movimento é expresso em um conjunto de capacidades para andar e agir, que é dado, naturalmente e *a priori*, a nós seres humanos presentes em todas as atividades humanas, individuais e coletivas, antigas ou contemporâneas, logicamente sempre com necessidade de melhoria e cultivo.

Comunicação, cooperação, competência, compaixão e cultivação são as cinco capacidades e competências que diferenciam os seres humanos das outras criaturas e podem ser comprovadas por milênios como universais e fundamentais para a sobrevivência e uma boa vida em todos os aspectos. Se examinarmos mais de perto esse guia de orientação de capacidades, competências e virtudes para avançar com sucesso moral e cultural, apreciaremos as diversidades de estar no caminho com sucesso e moral e também as armadilhas que devem ser evitadas, uma vez que levam à desorientação em termos de direção, técnica e ideologia. Isso já aconteceu no passado, e está acontecendo hoje na mesma proporção. A passagem bíblica que diz “dançando ao redor do bezerro de ouro”¹ descreve uma dessas infelizes armadilhas ou enganos.

Capacidades adquiridas de agir com moralidade e com sucesso

É uma questão filosófica e teológica antiga: o que vem primeiro, e qual dos dois é mais fundamental: o *raciocínio ou a ação*? *A teoria ou a prática*? Nós assumimos amplamente que raciocínio e crença, visões de mundo filosóficas ou religiosas vêm primeiro e formam a base para agir logo depois, em particular no tocante a ações boas e morais. A partir desse ponto de vista, ações morais ou imorais aparecem como apêndices e aplicações de preceitos, regras, regulamentos, alguns deles desenvolvidos por padres ou filósofos, outros instruídos por igrejas ou tiranos; outros ainda coletivamente formados em sociedades intimamente entrelaçadas cultural e socialmente. Mas “essa teoria ética fundamentada para o campo, e determinativa para a prática” nunca foi

1. Passagem do Antigo Testamento em que se mostra a adoração pelo homem de símbolos pagãos. (N. T.)

comprovada, como afirma corretamente Tom L. Beauchamp. Seja essa falha relacionada à “maneira confusa e errada pela qual os filósofos tentaram ligar a teoria à prática” (BEAUCHAMP, *Law Medicine Ethics* 2004, 32: 217), causada pela exploração de “teoria” por ideólogos e ditadores ou advinda de algum outro modo infeliz e desastroso de relacionar a teoria à prática, ela precisa de respostas mais detalhadas.

Logicamente religiões, visões de mundo, ditados metafísicos e ideológicos pre-determinam as atividades humanas; boas e ruins, civilizadas ou não. Regras religiosas ou convicções filosóficas vêm causando atos extremos de compaixão, como o de Buda — em uma de suas vidas passadas —, como o autossacrifício de servir como alimento de uma tigresa faminta nutrindo seus filhotes, ou o de pessoas mal alimentadas e famintas na zona do Sahel que compartilham o pouco que têm com outras pessoas. Mas o rigor religioso também faz que mulheres sejam apedrejadas até a morte por causa de relações sexuais, julgadas pecaminosas em suas sociedades extremamente machistas; pessoas são gravemente torturadas, às vezes até a morte, caso não se convertam às convicções religiosas, às crenças ou ao estilo de vida de seus torturadores. Religiões, filosofias e visões de mundo tiveram e têm tanto efeitos morais como amorais na moralidade, na ética, na cultura e na sociedade. Dadas as nossas capacidades humanas universais para comunicação, cooperação, competência, compaixão e cultivação, instrumentos como a tortura, a extorsão e a exploração são desenvolvidos a partir de falsas estrelas, metas e indicações de direção. Estas têm levado à desorientação, ao barbarismo, bem como ao desrespeito e à destruição da autodeterminação das pessoas, de sociedades harmoniosas e de ambientes naturais e sociais cultivados.

Voltaire, em seu artigo “Tolerância” no dicionário de Diderot e d’Alembert, brincou que os mercadores em Basra, Bizâncio e Bagdá, sendo de diferentes religiões, base cultural e política, confiam um ao outro grandes quantidades de dinheiro e mercadorias de valor apenas com um aperto de mão, enquanto os cristãos perseguem, massacram e torturam um ao outro por causa de controvérsias bizarras, como saber se Deus é uma pessoa em três ou três pessoas em uma; ou se o vinho e o pão na sagrada cerimônia da Santa Ceia são realmente transformados ou não no sangue e na carne de Jesus antes de serem consumidos por seus discípulos. Histórias religiosas similares contemporâneas e seculares e estudos de caso são abundantes. No tocante a religiões e visões de mundo, milênios de experiência documentam que muitas vezes elas são uma *ajuda e solução úteis*, mas muitas vezes são o *problema e o obstáculo para a ação boa e bem-sucedida*. Assim, queremos ser cautelosos na decisão de qual estrela seguir para que não nos percamos em barbarismo, despotismo, destruição, fome e desespero.

Enquanto filósofos e escolas de crenças argumentam que a ação depende da razão ou da fé, provas empíricas e análises críticas sugerem outra coisa: a ação é uma capacidade fundamentalmente humana independente da motivação de visão de mundo específica, sendo necessária para a vida e a sobrevivência. Como ser humano, nasço

numa família e numa comunidade, sou educado e, como *zoon politicon* — um ser vivente vinculado com uma comunidade, ou animal político —, tornado parte de uma ou mais comunidades. Assim, somos todos *homines viatores et homines politici*², todos na estrada e caminhando pela estrada junto com outros andarilhos. Desde a Era Glacial e antes dela, os seres humanos vivem e caçam juntos, do mesmo jeito que equípedes de direção em hospitais, escritórios ou fábricas trabalham e interagem hoje. Para produzir produtos materiais e maquinário, cultivar e processar alimentos, administrar ambientes sociais e naturais, para curar ou operar pessoas, para projetar e implementar novos estágios nos negócios, na ciência, na política e na cultura, inevitavelmente precisamos dessas cinco capacidades específicas — naturalmente herdadas por nós e passíveis de ser refinadas, treinadas e cultivadas para ações práticas.

Rumo à “crítica da prática razoável” universal e global

Assim como Kant, em sua *Crítica da razão pura*, descreve o tempo e três dimensões espaciais como condições primordiais e inevitáveis *para raciocinar*, entender, experimentar e comunicar, nós podemos, em uma “Crítica da prática pura”, identificar condições e capacidades primordiais similares para agir e interagir de modo ético. Intuições e conceitos primordiais sobre raciocínio e ação nos são dados basicamente como um saber *a priori* independente de conteúdo. São princípios para conceitualizar nossos ambientes natural e social e agir de modo apropriado e bem-sucedido. Essas capacidades são independentes de seus usos ou abusos em ambientes religiosos, ideológicos, humanísticos ou culturais, ou qualquer outra navegação correta ou incorreta. Convicções individuais, trabalho em equipe, esforço e ajuda mútua, tanto quanto políticas e culturas comuns ou objetivos técnicos, determinam suas direções e sucessos na ética, na moralidade e na cultura.

Como capacidades básicas e fundamentais humanas, elas não são apenas globais ou interculturais, são universais e definem os seres humanos e as culturas humanas, na teoria e na prática, como sendo diferentes daquelas de outros seres vivos e seus ambientes e colônias específicos. Comparada a uma crítica da razão pura, a crítica do raciocínio prático será melhor e mais precisamente chamada de *crítica da prática razoável* e identificará essas cinco capacidades inerentes aos humanos como primordiais, não adquiridas pela experiência, mas aprimoradas no aprendizado e na cultivação individual e coletiva. Já que elas não vêm apenas da experiência, como não são, na terminologia de Kant, *a posteriori*, elas terão diferentes expressões em diferentes situações, individuais e coletivas. Assim, elas são uma expressão da liberdade humana de agir e construir uma rica variação individual e cultural. Sistemas de princípios morais e de

2. Homens viajores e homens políticos. (N. T.)

outros tipos de cunho fixo e definido, por outro lado, são pontuais e ligados a culturas específicas. Podem levar ao imperialismo moral e ao enfraquecimento da criatividade e da diversidade do esforço moral e cultural. Essas capacidades universais inerentes aos seres humanos têm que trabalhar juntas — tal como só o tempo e o espaço juntos dão um quadro completo do mundo empírico. Os dons naturais dos 5 Cs formam culturas e informam regras, regulamentos e leis. Quanto mais estáveis forem as atitudes e as virtudes coletivas e individuais em uma sociedade, menos princípios e leis serão necessários, uma vez que virtudes e *ethé* cuidam da cultivação aplicada das interações e dos objetivos dos 5 Cs.

Em suas refinadas e cultivadas versões integradas e integrantes, eles superam inúmeras regras, regulamentos, leis e proibições. O preceito “faça o bem ao seu próximo, e seja respeitoso para com seu Deus” é a regra de ouro universal mais humana e situacional, pois desafia a comunicação e a cooperação a agir com competência e compaixão em relação a melhores maneiras de melhoria e cultivação. O preceito védico *tat tvan asi*³ é ainda mais complexo e desafiador que qualquer grande número de regras inflexíveis, comandos ou proibições. As capacidades universais dos 5 Cs são mais abrangentes, pois são necessários indivíduos, equipes e comunidades para fazer escolhas situacionais; requerem a hermenêutica, narrativas e planos a ser executados e não apenas ordens do tipo “siga as instruções”. O marco de orientação de posicionamento dos 5 Cs, tal como outras “Regras de Ouro” abertas, respeita e encoraja a decisão livre e responsável baseada na compaixão e na competência, em LSOs⁴ particulares em ambientes multiculturais. A capacidade de produzir bons produtos e bons resultados em atividades sociais, morais e culturais precisa ser refinada e cultivada. Confúcio disse que as pessoas e as comunidades são como pérolas: elas têm capacidades naturais originais, mas precisam de muita lapidação para brilhar, para ficar lindas e se tornar verdadeiramente cultivadas. O mesmo pode ser dito de equipes em escritórios, hospitais, fábricas etc., como Fritz Jahr sugeriu (cf. *Fritz Jahr and the Global Foundations of Integrative Bioethics* [Fritz Jahr e os fundamentos globais da bioética integrativa], Lit Publ; 2012).

Seja em ambientes de várias culturas ou de apenas uma, os indivíduos têm que trabalhar duro para brilhar como as pérolas, integrados em complexos ambientes pessoais e profissionais. A fim de demonstrar a universalidade e a flexibilidade das cinco capacidades básicas humanas em ação e para a ação, não precisamos seguir Kant em um complicado exercício de dedução transcendental, o que, de todo modo, não convenceria muitas pessoas; um rápido exame da antropologia cultural e das histórias cultural, social, política e tecnológica já estabelece a validade e a autenticidade das

3. Uma sentença em sânscrito que pode ser traduzida como “Tu és isso”. (N. T.)

4. Landing Signal Officer (LSO) — é um escritório onde trabalham oficiais que, por meio de coordenadas terrestres, dão cobertura em combate. (N. T. fonte: website da Naval Air Warfare Center Training Systems Division.)

capacidades dos 5 Cs de maneira convincente e prática. As cinco capacidades juntas, em suas formas cultivadas e perversas, são os pontos de orientação para futuras navegações bem-sucedidas na estrada da moralidade. Podemos fazer um breve exame de suas características específicas e esboçar alguns poucos cenários que demonstrem sua relevância como pontos de referência em sistemas de posicionamento global de ações bem-sucedidas moralmente.

Cinco pontos de referência com guia de interação integrada para navegação global na ética

A *comunicação* é uma capacidade básica humana, expressa em muitas linguagens diferentes, incluindo a linguagem corporal, a entonação, terminologias técnicas de vários tipos etc. Spinoza definiu a verdade confiável e provável como *Illud omne esse verum quod valde clare et distincte percipio* (a verdade é aquilo que eu entendo clara e distintamente). Quanto mais complexos são os fatos, mais detalhada e acurada precisa ser a nossa terminologia, uma realidade frequentemente violada por ideólogos que exploram as pessoas mediante a tentação com palavras e definições. Quando nos comunicamos com nosso próprio eu, tal como no planejamento estratégico do jogo de xadrez, inventando uma nova máquina, meditando, preparando-nos para uma preleção ou antecipando os efeitos de uma conferência ou confronto, falamos em autorresposta às possibilidades dialéticas e de confronto na tentativa de encontrar soluções e melhorar as culturas da interação. A comunicação escrita em livros, cartas e peças teatrais abre a dimensão da comunicação para muito além da experiência direta e permite compreensão humana, avaliação, ponderação e cálculos para extrair experiências e enganos de várias gerações e culturas que temos diante de nós. É fato que discursos e cartas são direcionados principalmente a outros seres humanos em seus papéis de amigos e parceiros de equipe, adversários, chefes, assistentes, pacientes ou clientes. Há níveis de interação e de integração de comunicação, tais como, num hospital, entre aqueles que tratam e os que estão lá para ser tratados, entre os profissionais de saúde e com *experts* nos vários campos externos de atuação da medicina, da enfermagem, da economia, e entre o hospital como corporação e um contexto social e cultural de serviços e expectativas. No contexto da saúde e em muitos outros, a comunicação exerce um papel mais privilegiado do que todo outro ponto de referência amplamente utilizado, como a autonomia do paciente. Na verdade, a comunicação é fundamental para descobrir os vários recursos e modos de autonomia potenciais que um paciente em particular deseja mobilizar. A comunicação raramente tem um fim em si; ela visa à ação, ao grupo de trabalho, à produção, a serviços oferecidos individualmente, mas na maioria das vezes em grupos, instituições e corporações. Desde Aristóteles e Platão temos discussões filosóficas sobre se os universais, *universalia*, são fenômenos ou númenos; o campo

de teoria dos 5 Cs universais classifica-os como dons naturalmente inerentes dos seres humanos necessitados de aplicação e cultivo, diferentes daqueles de outras formas de vida e suas capacidades específicas.

A *cooperação* é assim o objetivo em muitas formas de comunicação, que a preparam, revisam e acompanham. A cooperação não funciona, logicamente, sem competência e habilidade. Também a *compaixão* é essencial para a cooperação harmoniosa e na tarefa de definir e alcançar objetivos. Quando estamos construindo tecnicamente uma máquina ou desenvolvendo uma estratégia de negócio, a *compaixão* pode receber um papel de menor significância, ou até mesmo ser omitida, mas as máquinas precisam ser seguras no manuseio. É preciso considerar os usuários e os clientes quando planejamos procedimentos em tecnologia, negócios e em questões sociais e políticas. Nenhuma *compaixão* é necessária, logicamente, quando os torturadores cooperam, mas essas atividades são imorais e não levam a culturas ou soluções harmoniosas; elas se guiam por pontos de referência corrompidos, deixando de fora a interação e a integração com a capacidade humana de *compaixão*; elas irão cedo ou tarde levar a desertos ou terras inóspitas. A cooperação deve ter como base a confiança, mesmo nas atividades mais técnicas. No campo da saúde, o recurso de “consentimento esclarecido” seria melhor substituído por “contrato esclarecido”, expressando responsabilidades cooperativas de todas as partes envolvidas e liberando o paciente ou sujeito de pesquisa do papel passivo de apenas dizer “sim”. O campo da saúde em particular não vem dando à cooperação o papel que merece no desenvolvimento e na promoção do conhecimento e da competência em saúde para cuidados preventivos e a modificação do estilo de vida. O senso comum de Benjamin Franklin, que usa todos os pontos de referência dos 5 Cs, ainda não encontrou o seu lugar na saúde moderna: melhor prevenir do que remediar. Os pontos de referência para a navegação no cuidado com a saúde são muito mais amplos do que a mentalidade de reparação existente na medicina moderna pode alcançar.

A *competência* é indispensável para que a comunicação e a cooperação sejam eficientes e bem-sucedidas. Uma faca não amolada não corta. Uma faca amolada, quando não manuseada corretamente, é perigosa. A ação precisa de habilidade manual, treinamento e mais treinamento, incluindo treinamento em cooperação, em rever e experimentar os efeitos positivos da competência nas atitudes e nos estilos de vida compassivos. Ações incompetentes são perigosas em qualquer lugar, em tecnologia, medicina, política e questões pessoais e sociais. As melhores intenções são inúteis e não dão resultado caso sua aplicação e sua realização não sejam conduzidas com competência e experiência.

A *compaixão*, muitas vezes, é a capacidade mais central para as ações bem-sucedidas moralmente. São poucos os objetivos técnicos que podem ser alcançados sem o envolvimento da *compaixão*, mas todos os outros objetivos morais e culturais precisarão de formas cultivadas e refinadas de *compaixão* situacional. Para a navegação

pela ética, ela é o ponto de referência mais importante; atividade sem compaixão é cega e moralmente ineficiente. Algumas atividades técnicas podem usar outros pontos de referência como primordiais em suas orientações; porém, mesmo a construção de utensílios domésticos precisa levar em consideração os baixos riscos de desempenho e manuseio. Assim será também com a compreensão compassiva das falhas das máquinas e dos homens. A compaixão com um ambiente não humano não é apenas útil, mas supera e refina o simples interesse antropocêntrico da proteção e cultivação da natureza em benefício da cultura humana, como Lao Tse, Buda, São Francisco de Assis, Jahr e muitos outros argumentaram.

A *cultivação* vem sendo um ponto de referência e um objetivo em todas as épocas da história cultural. O aperfeiçoamento, e não o retorno a situações menos seguras, menos agradáveis e menos harmoniosas, sempre foi um objetivo para tornar mais permanentes as boas coisas, as boas atitudes e a boa moral, como é o caso da educação das gerações jovens para evitar os enganos das gerações passadas e melhorar aquilo que já foi alcançado. Como destacou Jacob Burckhardt em suas *Worldhistorical Reflections* [Reflexões Mundo-históricas], o progresso e a cultivação da raça humana tiveram muitas vezes de ser defendidos dos modismos da história. A estrada da caminhada moral e cultural bem-sucedida não é uma rua de mão única. Nós com frequência, tal como nossos antepassados e outras culturas, tivemos que pegar desvios e atalhos. Mas, logicamente, indivíduos e equipes devem e podem refinar suas atividades e cooperações aprendendo com os erros e estabelecendo regras passo-a-passo e culturas de procedimento a fim de agir com mais facilidade e bem-estar, aprendendo com suas tentativas e seus erros anteriores. Uns poucos cenários diferentes podem ilustrar a necessidade essencial e a realidade das capacidades 5 Cs como universais em todas as modalidades de práticas bem-sucedidas.

Cenários para navegação e posicionamento moral e cultural bem-sucedidos

1. *O homem de gelo*: Oetzi viveu há cerca de 5.300 anos em uma comunidade tribal ao sul dos Alpes italianos; os homens saíam para caçar, as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos, das crianças, da lareira, e também tinham alguns animais domésticos, plantas e árvores. O machado de cobre de Oetzi era a evidência de que eles já tinham dominado a mineração, a fusão e a fundição do cobre. Os homens entre si e as mulheres entre elas se comunicavam e cooperavam em seus campos particulares de competência e do que gostavam de fazer; naturalmente, os casais e suas famílias tinham as suas maneiras particulares de comunicação e cooperação. Tinham uma vida tranquila, mas tinham que se proteger dos animais perigosos e inimigos. Tinham que lutar para viver e viver bem. Logicamente, havia discussões e brigas internas; a maio-

ria delas era resolvida mediante formas mais ou menos refinadas de comunicação e cooperação, de tolerância e de aceitação das diversidades no temperamento e no modo de ver as coisas. Um dia, Oetzi se envolveu em uma briga com outro homem, matou-o e teve que fugir por medo de vingança. Ele escapou pelos Alpes, foi pego por uma nevasca e morreu. A múmia bem preservada foi encontrada em 1991 em uma fenda glacial num dia quente de verão. De alguma maneira, o Guia 5 Cs não funcionou bem para ele. As comunidades e os indivíduos naquela área ainda levam uma vida basicamente harmoniosa e tranquila com base numa versão aprimorada e cultivada dos dons naturais 5 Cs específicos dos seres humanos — agora com internet, eletricidade, medicina melhor, melhores ferramentas —, mas ainda lidam com problemas similares de navegação bem-sucedida na moral e nas culturas.

2. *Sucesso comercial*: Uma equipe de *experts* de diferentes competências profissionais na empresa F desenvolve uma nova máquina; eles começam conversando sobre o uso, os riscos, o custo, o mercado para o novo aparelho. Então eles desenvolvem um plano de cooperação e aspectos compassivos adicionais associados ao produto, seu manuseio, seu uso, sua promoção e seu lucro. Duas pessoas deixaram o grupo; uma estava interessada apenas na performance tecnológica, sem nenhuma consideração pela parte financeira e de manuseio; a outra estava interessada apenas em maximizar o lucro. Depois que a produção final e o *marketing* começaram, revisões regulares, melhoria e desenvolvimento baseados no Guia 5 Cs viraram rotina.

3. *Os três mandarins*: O mandarim vinho é um mestre na distorção da realidade e na sedução ideológica através da comunicação enganosa. Seus camaradas e sua família ficaram muito ricos; mas uma rebelião removeu os extorquidores. Depois de um tempo o pesadelo se foi, pois o modelo foi construído sobre a areia e as capacidades 5 Cs foram extraviadas ou omitidas. O mandarim azul amava o seu povo e promovia o bem-estar social para todos. Dava alimento e peixe para todos, mas manteve o seu povo ingênuo, dependente e incompetente para viver a vida livremente. O mandarim vermelho também amava muito o seu povo. Ensinou-os e encorajou-os a usar e refinar bem as suas próprias capacidades 5 Cs, no cultivo do alimento, na pescaria e numa vida livre, alegre, saudável e civilizada.

4. *A ala hospitalar* bem-sucedida: enfermeiras, médicos e outros membros da equipe em uma ala de hospital conversam a respeito de A, um novo paciente, a competência e a compaixão da equipe e dos membros individuais para o melhor tratamento possível. Em seguida a equipe e o paciente revisam objetivos e métodos de intervenção e a cooperação pretendida. Também discutem alternativas para o curso favorável de ações e os vários modelos de autodeterminação do paciente — sempre usando comunicação, cooperação, competência e compaixão para aprimorar a interação nas interações para obter resultados ainda melhores. Eles desenvolveram a sua própria *checklist* 5 Cs e reveem essa lista com frequência para possíveis melhorias. Outras alas ou equi-

pes que desejam ser bem-sucedidas terão que desenvolver, aplicar, rever e melhorar suas próprias aplicações dos 5 Cs.

5. *Criando uma rede 5 Cs especializada*: um grupo de médicos em prática particular em Bochum desenvolveu uma rede de competência aberta na internet para educar e guiar os pacientes com problemas nos cuidados básicos da saúde tais como: problemas digestivos, dores de cabeça, outras formas de desconforto. Também dão conselhos sazonais relativos ao tempo, banho de sol, gripes e resfriados. Uma área protegida por senha permite aos médicos uma comunicação confidencial com os pacientes em tratamento. Uma outra área protegida por senha serve como plataforma contínua de educação, alertas sazonais e agendamento de tarefas para seu pessoal. Assim, esse *site* promove integração e interação em muitos níveis de uso e cultivação dos poderes dos 5 Cs em um campo especializado de engajamento profissional.

6. *Desenvolvimento, aplicação, revisão e cultivação das aplicações dos 5 Cs: programa e prática*: uma equipe de consultoria sobre ética médica na ABC Clinique and Nursing Home revisa em uma avaliação seus casos do último ano e lista como problemas profissionais maiores a imperícia e o descuido, a falta de compaixão e comunicação — entre a própria equipe e desta com os pacientes —, também uma infeliz dominância de questões reguladoras e econômicas a caminho de melhores soluções. Eles fazem *checklists* para si mesmos e para revisar o próprio uso do Guia 5 Cs. Muito em breve eles introduzem esses pontos de referência 5 Cs nos programas de educação e treinamento em todas as equipes e no hospital todo. Sendo reconhecida como a mais bem-sucedida corporação da região tanto moralmente como em atendimento médico, o hospital oferece programas de educação continuada similares a instituições médicas próximas e também ao comércio da região em diversos campos de serviço e atividade. Eles se abstêm, entretanto, de promover um modelo padrão genérico de *checklist*, e estimulam os clientes a desenvolver suas próprias aplicações para seguir em frente, revisar e treinar, como as relacionadas a diferenças situacionais, técnicas e culturais nos mundos multiculturais e na competição global. Eles continuamente ajudam os clientes a revisar e melhorar as suas aplicações e nesse processo aperfeiçoam o próprio negócio — todas as aplicações, incluindo as deles próprios, são construídas tendo o sistema de posicionamento global e universal 5 Cs como guia para melhorarem o sucesso moral e cultural.

O GPS 5 Cs para a ética é universal, amigo da diversidade moral e global

As capacidades humanas 5 Cs, suas interações e seus refinamentos podem ser encontrados em diferentes formas em todas as tradições e culturas dos últimos milênios. Foram parte daquelas culturas e tradições, e contribuíram de muitas maneiras e caminhos para o progresso e o avanço desde então. Serão instrumentos para vencer o

futuro e alcançar novos destinos, cultural e moralmente, pelo encorajamento e pelo auxílio às diversidades e liberdades individual e coletiva dentro das barreiras delineadas pela comunicação e pela cooperação na orientação básica dos direitos e obrigações humanos e civis e no avanço da competência e da compaixão em relação a níveis mais harmoniosos de cultivação. No campo da saúde eles são muito melhor equipados para servir como guia de integração e interatividade do que os princípios de *autonomia*, *não maleficência*, *beneficência*, *justiça*, modelo que por uma geração exerceu papel valioso na transformação de formas inaceitáveis de paternalismo arrogante para o respeito à autonomia. Como instrumento para a prática bem-sucedida da moral e da cultura não apenas são válidos para práticas individuais ou coletivas como têm valor social e cultural, porque mesmo que em situações especiais um indivíduo ou uma equipe possam não ser persuadidos ou convencidos a usá-los como guia, um *ethos* geral em relação à sociedade e à cultura irá contudo requerer o seu uso, como Fritz Jahr (1928-2012) já havia postulado a compaixão com outras formas de vida e proteção animal como sendo essenciais para a compaixão e a cultura entre os seres humanos.

Em sua integração, o Guia 5 Cs aborda diretamente e não apenas indiretamente questões de competência e cooperação, negligência, falta de cuidado, falha de comunicação em vários níveis, falta ou não intenção de cooperação, bem como a falta de esforço de desenvolvimento e progresso. A compaixão, a mais central das capacidades humanas e uma estrela guia em milênios de ética médica, não é sequer mencionada na maioria das *checklists* baseadas naquele conjunto de quatro princípios. Dados empíricos mostram que falta de cuidado profissional e a falta de compaixão contam para a maioria dos infaustos problemas que terminam nos quadros de revisão institucional. Questões como “não machucar” e “fazer bem” já foram abordadas em suas interações há milênios na regra de ouro: *primum non nocere*⁵ e estão bem cuidadas sob o auxílio de navegação dos 5 Cs, não em separado mas integradamente e em interação dialética umas com as outras. A justiça, em suas duas formas — *distributiva e igualitária* —, de nada adianta no âmbito clínico se estiver separada das circunstâncias sociais, culturais e políticas. A justiça é mais um objetivo social geral sob o Guia 5 Cs em um processo contínuo de cultivação.

Alguns conselhos de revisão institucional e comitês de ética clínica trabalham com *checklists* baseados nos “quatro princípios de Georgetown”. Eles indiretamente abordam muitas formas de descuidos e má prática profissional; seria mais fácil abordá-los diretamente nos pontos de referência 5 Cs. A *autonomia* no sentido kantiano estrito raramente ocorre ou é requisitada no âmbito hospitalar. As muitas variações da autodeterminação, incluindo aquelas que deixam as decisões para os médicos ou equipes ou família, podem ser discutidas mais direta e abertamente na estrutura dos 5 Cs. A experiência mostra que os debates sobre regras, leis, regulamentos e limitações

5. “Antes de tudo, não machucar”. N. T.

financeiras exercem o papel mais central na concepção, execução e revisão de decisões e ações. Isso é lamentável e não adequado às várias boas tradições das ciências e das artes de cura em competência e compaixão. Uma orientação dentro da estrutura dos 5 Cs ajudará também a recuperar campo para decisões mais diretamente ligadas às responsabilidades individual e coletiva e desafios situacionais sem se ficar escondido atrás de barreiras legais, ou regulamentares, ou fiscais. Órgãos nacionais e internacionais, como corpos legislativos no campo da saúde e a OMS infelizmente contribuíram para a legalização e a regulamentação nos moldes dos princípios de Georgetown. As responsabilidades de pessoas e equipes e mais interações situacionais bem-sucedidas e mais voltadas para os pacientes podem ser recuperadas pela navegação dos 5 Cs. Faz tempo demais que as autoridades políticas e médicas abstêm-se de promover e usar a e-Health (rede *online* de saúde) e outros instrumentos de comunicação para promover uma desprofissionalização parcial da assistência à saúde há tanto tempo adiada e a liberação e a habilitação de cidadãos e comunidades na responsabilidade e na competência de cuidar de sua saúde e sua vida em um ambiente de comunicação e cooperação entre *experts* e leigos. Mas a assistência à saúde é apenas um campo em que serviços para uma vida boa e boas culturas e sociedades podem ser melhorados com sucesso por aplicações especiais do Guia 5 Cs.